

APRENDENDO A PERDOAR

"Agora eu [Jesus] lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos." (João 13.34-35 – Nova Versão Transformadora)



1. INTRODUÇÃO

A Palavra de Deus tem duas funções na vida dos que a ouvem. Por ser uma “*espada composta por dois lados cortantes*” (cf. Hebreus 4.12), por um lado, ela cura e consola os atribulados; por outro lado, ela fere e atribula os consolados, isto é, ela cutuca, incomoda, nos tira da nossa zona de conforto e nos coloca em um lugar de decisão.

No texto bíblico acima, o Senhor Jesus afirma que nós, os cristãos, não seremos conhecidos como discípulos dEle pelos títulos e graduações que temos; muito menos se pregamos ou cantamos muito bem. Nem mesmo o fato de pertencermos a uma instituição religiosa por anos, fará diferença na concepção de discípulo que Deus tem a nosso respeito.

A passagem bíblica ensina que as pessoas saberão que nós somos verdadeiros discípulos de Jesus quando demonstrarmos de forma prática e evidente o nosso amor pelo nosso próximo. É através da praticidade de vida que o verdadeiro cristão exhibe sua identidade. Para que alguém possa carregar o rótulo de cristão, não basta **crer**... é preciso **ser**! Não somos cristãos simplesmente porque cremos em Cristo. Somos cristãos porque praticamos os princípios do cristianismo.

Uma das práticas mais difíceis que envolve a vida cristã é a prática do perdão. Na teoria somos bacharéis em “perdãologia” [*neologismo meu*]. Mas na prática, o exercício do perdão muitas vezes é algo complicado. O ato de perdoar se torna ainda mais difícil ao descobrimos que, para ser válido, ele precisa ser genuíno, verdadeiro, feito de coração¹ em vez de palavras:

*“Assim também vos fará meu Pai celestial, se cada um de vós não **perdoar de coração** ao seu irmão.”* (Mateus 18.35)

No seu coração e no meu há uma “porta” com fechadura apenas do lado de dentro. Só você poderá abrir o seu coração, assim como só eu poderei abrir o meu. Ninguém poderá fazer isso por nós.

¹ O coração é a sede dos desejos, vontades e sentimentos. Perdoar alguém de coração é perdoá-lo por inteiro, sem resquícios, receios ou parcialidades.

Por isso nos incomodamos com a abordagem de temas como perdão, por exemplo. Temas dessa natureza mexem com nossas emoções. Porém, o meu desejo é que você mantenha o coração aberto, sem fechá-lo antecipadamente (como mecanismo de defesa) porque dói. Ao contrário, aproveite o momento para que a Palavra de Deus possa agir em você. Tome o presente estudo como oportunidade de Deus para ministrar cura e libertação sobre sua vida.



Nos dias atuais muito se comenta sobre a necessidade que as pessoas têm de “liberar perdão” em relação àqueles que as agrediram de alguma forma. Mas o que de fato significa isso?

Ao escrever sobre perdão para a revista *Veja*, a jornalista Ana Cláudia Fonseca afirma que “o perdão pressupõe uma transformação moral tanto do agressor como de quem foi agredido. Para haver perdão, é preciso, de um lado, arrependimento sincero e, do outro, disposição para apagar os ressentimentos”.²

O presente estudo visa mostrar os conceitos bíblicos sobre o perdão, no contexto do Antigo Testamento e do Novo Testamento, bem como esses princípios eternos podem e devem ser aplicados em nossa vida, por toda a vida! Por fim, faremos uma rápida abordagem sobre os três principais mitos sobre o perdão.

2. A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE SEMÂNTICA³ DE ALGUNS VOCÁBULOS BÍBLICOS

Para que um estudo bíblico seja produtivo e relevante, é necessário que ele promova uma intersecção entre a **verdade eterna de Deus** e a **vida contemporânea**. Ele precisa projetar a relevância das Sagradas Escrituras (teoria) para dentro da realidade de vida do ser humano (prática). É o ponto em que o tema da passagem bíblica cruza com a vida e a experiência humana. Para atingir esse objetivo é necessário o trabalho exegético⁴ rigoroso, seguido do estudo profundo das circunstâncias culturais, sociais e históricas dos primeiros leitores da passagem bíblica em questão. É preciso definir qual é a ideia central do Espírito Santo na passagem bíblica. Também devemos levar em conta questões como o tempo verbal e, se for preciso, estudar as palavras a fim de entender o contexto geral da passagem bíblica. Sendo assim, no decorrer deste estudo faremos, quando necessário, a análise semântica de alguns vocábulos bíblicos. Isso porque nenhuma tradução consegue captar e transmitir, com exatidão, todas as nuances da língua original para a língua receptora.

² FONSECA, Ana Claudia. *O poder do perdão*. **Revista Veja**. São Paulo, Ed. 2175, 129 p. 28/07/2010.

³ **Semântica**. Componente do sentido das palavras e da interpretação das sentenças e dos enunciados. (Dicionário Houaiss)

⁴ **Exegese**. Do grego, ἐξάγειν (*exagein*), significa, literalmente, “guiar (arrancar) para fora” do texto os pensamentos que o escritor tinha quando escreveu um determinado documento.

3. O CONCEITO BÍBLICO DE PERDÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

No período que corresponde ao Antigo Testamento, a ideia de “perdão” que o povo judeu tinha em mente era que o exercício do perdão se restringia apenas a Deus. Era desnecessário ao homem perdoar o seu próximo – pelo contrário, ele deveria retribuir o mal que se lhe havia feito:

“Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe.” (Êxodo 21.24-25)

“Se alguém causar um ferimento em seu próximo, lhe será feito como fez: Fratura por fratura, olho por olho, dente por dente; o ferimento que tiver causado a alguém também lhe será feito.” (Levítico 24.19-20)

“Não olharás para ele com piedade; será vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé.” (Deuteronômio 19.21)

Não fazia parte da cultura hebreia/judaica a ideia do perdão humano como mandamento divino (ainda que na Bíblia haja diversos relatos de pessoas pedindo perdão ou sendo perdoadas, cf. Gênesis 50.17; Êxodo 10.17; 1Samuel 15.25 etc.). Talvez fosse esse o motivo do espanto de alguns escribas ao verem Jesus perdoar os pecados de um paralisado antes de curá-lo:

*“Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralisado: Filho, os teus pecados estão perdoados. Estavam sentados ali alguns escribas, que pensavam no coração: Por que esse homem fala dessa maneira? Ele está blasfemando! **Quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus?**” (Marcos 2.5-7)*

Ao consultarmos o texto hebraico, observamos que o verbo “perdoar”, do hebraico סָלַח (*sālāh* = “remover a culpa”), aparece 46 vezes no Antigo Testamento e é utilizado nas Sagradas Escrituras

MEU CANTO SEM PAZ
João Nogueira

Eu não sou Deus, pra ter de perdoar (4x)

Ao lado do lado direito do peito, dói o coração [...]
Meu canto sem paz
No peito calado um bocado de verso
No olhar tristonho jeito de perdão,
Mas não sou Deus pra ter de perdoar

Eu não sou Deus pra ter de perdoar (3x)

Se não me bastassem problemas de amor
Papéis importantes confundem a mente [...]
Entenda meu samba seja como for
Que eu Vivo na vida correndo pro amor
Mas não sou Deus pra ter de perdoar

Eu não sou Deus pra ter de perdoar (3x)

apenas em referência a Deus. Nenhum outro verbo do Antigo Testamento significa “perdoar”, embora vários incluam “perdão” na gama de significados dada em certos contextos (por exemplo, נָשָׂא (*nāsā’*), em Êxodo 32.32; כָּפַר (*kāpar*), em Ezequiel 16.63). Ao longo de todo o Antigo Testamento, Deus é sempre o Sujeito do perdão, nunca o homem. Muito desse conceito judaico se faz presente na cultura dos nossos dias – ainda que fortemente influenciada pela cultura grega. Quem nunca ouviu de alguém a frase: “*Não sou Deus para perdoar*”? O cantor e

compositor brasileiro João Nogueira (1941-2000), gravou uma música que expressa bem o

pensamento judaico sobre perdão. Na canção intitulada “Meu Canto Sem Paz”, do álbum “E Lá Vou Eu” (gravado em 1974), o sambista carioca repete 12 vezes a frase: “*Eu não sou Deus pra ter de perdoar*”⁵.

Outra expressão que reflete bem o entendimento judaico/helenístico⁶ sobre perdão e justiça – e que infelizmente, também faz parte da nossa cultura – é a frase: “*Aqui se faz, aqui se paga!*”. É por meio desse adágio que as pessoas externalizam o desejo – até então oculto – de que todo mal, que porventura elas tenham sofrido por parte de alguém, seja retribuído ao agressor na mesma proporção ou até mesmo em uma escala maior. Se o agredido puder ser o agente punidor do agressor, melhor ainda. Como exemplo podemos citar trechos da letra de duas canções, compostas por bandas distintas (“Grupo Disfarce”⁷ e “Aviões do Forró”⁸), porém, ambas intituladas “Aqui se faz, aqui se paga!”:

<p>AQUI SE FAZ, AQUI SE PAGA Grupo Disfarce</p> <p>Não vou mais acreditar em nada que você me diga Vou te deletar da minha vida [...] Sinto muito, não dá mais</p> <p>Agora pode ir embora e não olhe pra traz [...] Só quero que desapareça e não volte mais Não soube dar valor, brincou com coração</p> <p>Agora quer saber o fim dessa história Hoje é você quem vai comer na minha mão Eu te falei mais você não levou a serio Bem que te avisei que aqui se faz, se paga aqui É a verdade que o mundo dá muitas voltas Hoje é você que sofre como eu sofri [...]</p>	<p>AQUI SE FAZ, AQUI SE PAGA Aviões do Forró</p> <p>Tudo mudou E eu quero esquecer toda a tristeza Não vou mas chorar ao lembrar o que você fez comigo</p> <p>Eu sei que vai Pensar em mim quando a saudade vir Bater na porta e vai ser minha vez de rir</p> <p>O que se faz Aqui, aqui mesmo se paga Você vai sofrer Pagar com a mesma moeda Essa é a lei daqui e não vai ter como fugir [...]</p>
--	---

De volta ao contexto bíblico, observamos que no período do Antigo Testamento, não existia qualquer tipo de sensibilidade por parte do homem para com a vida alheia. O que havia era simplesmente a aplicação da Lei. Não encontramos nesse período ninguém a quem poderíamos chamar de “agente regulador” da alma humana. Alguém que fosse capaz de convencer as pessoas do pecado, da justiça e do juízo – papel desempenhado em nossos dias pela pessoa do Espírito Santo⁹ (cf. João 16.8). Naquele tempo, o que havia era um desejo louco por vingança e destruição dos inimigos:

“O Deus que me dá vingança e sujeita povos debaixo de mim.” (2Samuel 22.48)

⁵ Cf. <http://www.vagalume.com.br/joao-nogueira/meu-canto-sem-paz.html>

⁶ **Helenismo**. Conjunto da civilização grega, especialmente a que sofreu as modificações determinadas pelas influências orientais. (Dicionário Houaiss)

⁷ Cf. <http://www.vagalume.com.br/grupo-disfarce/aqui-se-faz-aqui-se-paga.html>

⁸ Cf. <http://letras.mus.br/avioes-do-forro/aqui-se-faz-aqui-se-paga/>

⁹ A operação do Espírito Santo, nos tempos do AT, era equivalente ao NT, pelo menos em termos gerais, exceto o fato de que ele não habitava permanentemente no crente, conforme sucede aos crentes do Novo Testamento. No Antigo Testamento apenas homens profundamente espirituais como reis (ou juízes), profetas e sacerdotes demonstravam possuir o dom do Espírito Santo por tempos mais dilatados que o comum.

“Persigo meus inimigos e os alcanço; não volto até que os tenha destruído.” (Salmo 18.37)

“Ó Deus, quebra-lhes os dentes da boca; ... O justo se alegrará quando vir a vingança; lavará os pés no sangue do ímpio.” (Salmo 58.6a, 10)

Toda essa efervescência beligerante acontecia por causa do coração petrificado do homem. Somente a intervenção divina poderia mudar essa situação. Então Deus, através do profeta Ezequiel, diz que haveria um dia em que esse coração de pedra que o ser humano possuía, seria trocado por um coração de carne – passível de ser trabalhado:

*“E lhes darei um só coração, e porei dentro deles um novo espírito; tirarei deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne, **para que andem nos meus estatutos, guardem as minhas normas e as cumpram**; e eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.”* (Ezequiel 11.19-20)

*“Também vos darei um coração novo e **porei um espírito novo dentro de vós**; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne.”* (Ezequiel 36.26)

4. O CONCEITO BÍBLICO DE PERDÃO NO NOVO TESTAMENTO

No período do Novo Testamento, o Senhor Jesus amplia a visão e o sentido da Lei (que visava sempre o benefício do homem), e faz nela uma nova leitura interpretativa. Ele contextualiza a Lei dada anteriormente a Moisés e amplia o seu sentido:

“[38] Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. [39] Eu, porém, vos digo: Não resistais ao homem mau; mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser levar-te ao tribunal, e tirar-te a túnica, deixa que leve também a capa; e se alguém te obrigar a caminhar mil passos, vai com ele dois mil. Dá a quem te pedir e não voltes as costas a quem te pedir emprestado. [43] Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. [44] Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; ...” (Mateus 5.38-45)

Com a vinda do Senhor Jesus uma nova aliança foi instaurada. Junto com essa nova aliança houve uma mudança de sacerdócio e, conseqüentemente, uma renovação na forma de interpretar e aplicar a Lei de Moisés *“pois, mudando o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança de lei”* (Hebreus 7.12). Jesus anula a reação de vingança do agredido para com o agressor e estabelece nova ação por parte da pessoa agredida, para que ela não se torne mais na imagem e semelhança do seu agressor.

A nova aliança envelheceu a primeira. Com isso, a velha aliança perdeu o seu valor prático. Jesus se tornou nosso mediador perante Deus (cf. Hebreus 8.6-13). Através dEle fazemos parte de um novo pacto, que envolve um novo mandamento. Não escrito em tábuas de pedras. Mas fixado no coração do homem regenerado e baseado no amor incondicional. Por isso, toda a Escritura deve ser interpretada a partir de Jesus. Ele é nossa chave hermenêutica. Esse novo conceito de como aplicar a

Lei, fez parte do que chamamos de “revelação progressiva de Deus”, isto é, os planos e propósitos divinos revelados no decorrer da história humana. O Senhor Jesus enfatiza bem esses princípios ao citar as “bem-aventuranças”, que fazem parte do “sermão da montanha” (cf. Mateus 5.3-11). Nas “bem-aventuranças” cada componente é uma antítese para o orgulho, para a insensibilidade e para a perda de controle emocional. Como também para o desejo de se fazer justiça com as próprias mãos e para a falta de compaixão diante da situação do próximo.

Ao consultarmos o texto grego, utilizado para escrever o Novo Testamento, observamos que o verbo “perdoar”, do grego ἀφίημι (*aphíemi*), significa “enviar para frente, mandar embora, despachar”, semelhante ao ato de soltar um pássaro que estava preso. Ele é utilizado com o sentido primário de “soltura voluntária de uma pessoa ou coisa sobre a qual alguém tem controle legal ou real”. Em seu significado mais abrangente, se refere a “cancelar completamente uma dívida, com a remoção completa da causa da ofensa”.

5. O PERDÃO NO CONTEXTO DA NOVA ALIANÇA

Se no Antigo Testamento o judeu não concebia a ideia de existir perdão de um ser humano para com o outro, no Novo Testamento, Jesus além de implantar essa ideia com firmeza, Ele amplia o seu significado. Mais que isso. Jesus aproxima o perdão humano do perdão divino e os iguala. Agora, na Lei do Novo Testamento, precisamos não apenas amar o nosso próximo, mas esse amor tem de ser incondicional, semelhante ao amor divino:

*“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de todas as forças. E o segundo é este: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo.** [Levítico 19.18]. Não há outro mandamento maior do que esses.” (Marcos 12.30-31)*

*“Pois eu vos dei exemplo, para que façais também o mesmo. Eu vos dou um **novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei**, que também vos ameis uns aos outros.” (João 13.15, 34)*

O Senhor Jesus, nos muitos ensinamentos que fez sobre o perdão, faz um paralelo entre a oferta pelo pecado, que era apresentada no Antigo Testamento, e a forma como devemos agir hoje. No Antigo Testamento, no momento do sacrifício, o sangue do animal sacrificado era aspergido **sete vezes** sobre o altar (cf. Levítico 16.14-16, 19). O número “sete”, dentro da simbologia bíblica, representa a perfeição da repetição de um voto, ação ou consequência (cf. Josué 6.4; 1Reis 18.43; Salmo 119.64). Jesus se utiliza da forte simbologia judaica e afirma que, se alguém cometer o mesmo pecado sete vezes em um único dia, mas pedir perdão por esse pecado, o ofendido deverá perdoá-lo:

“Tende cuidado de vós mesmos; se teu irmão pecar, repreende-o; se ele se arrepender, perdoá-lhe. Mesmo se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes vier a ti, dizendo: Estou arrependido; tu lhe perdoarás.” (Lucas 17.3-4)

De acordo com o Senhor Jesus, o perdão que Deus requer de nós tem caráter ilimitado. Certa ocasião, talvez ao se lembrar das palavras proferidas por Jesus e registras em Lucas 17.4, Pedro diz ao Mestre: “*Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?*” (Mateus 18.21). A intenção de Pedro era saber se havia limite para que alguém fosse perdoado. Jesus, então, para mostrar que assim como o perdão de Deus é incondicional e ilimitado o nosso também deve ser, responde: “*Não te digo que até sete; mas, até setenta vezes sete [ao dia].*” (Mateus 18.22). No entanto, Jesus não deixa de frisar que essa atitude deveria ser feita “*de coração*” (cf. Mateus 18.35). Caso contrário, não teria valor.

O ensino do Senhor Jesus sobre perdão ganhou ainda mais peso – no coração e na mente dos discípulos – quando algum tempo depois Ele disse: “*... sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra.*” (Atos 1.8). Isso envolvia pregar o Evangelho da salvação para os assassinos e rejeitadores de Jesus (Jerusalém e Judeia, respectivamente), e também para os inimigos dos judeus (Samaria). Sem o exercício do perdão, a missão evangelística dos discípulos com certeza fracassaria.

6. QUANDO A ALMA É FERIDA



Se o nosso corpo for agredido com violência, ele ficará ferido. Em alguns casos, essa ferida deverá ser tratada imediatamente. Caso contrário, ela poderá infeccionar. A infecção talvez demande a amputação do membro ferido e, dependendo da situação, poderá até mesmo causar a morte da vítima. Se a ferida for profunda, ela deverá ser tratada com o máximo de urgência possível e com a utilização de todos os recursos disponíveis.

Depois de curada a ferida, em nosso corpo normalmente fica uma cicatriz sobre a pele. Essa cicatriz não provoca dor em nós, mas apenas a lembrança daquilo que nos feriu. É uma marca, um sinal, de que aquilo que nos fez mal, teve o efeito anulado.

Ao contrário do que muitos pensam, nós não somos “**um corpo que habita uma alma**”. Nós somos “**uma alma que habita um corpo**” – cf. Gênesis 2.7, somos “alma vivente” e não “corpo vivente”. A alma representa o nosso “eu invisível”, isto é, quem somos verdadeiramente em nosso interior. Assim como o corpo, a alma quando atingida com violência, fica ferida. O problema é que, diferente da maneira como agimos no momento em que o corpo é ferido, as feridas da alma não são tratadas com a mesma rapidez e eficiência com que tratamos as feridas do corpo. Pelo contrário, passamos a conviver com as feridas da alma. Muitas vezes, até mesmo as alimentamos.

Tratamos a ferida (algo que requer atitude imediata de combate) como doença (que pode ser convvida e até administrada). O resultado é a amputação de “membros” do nosso ser (exemplo: alegria, esperança, amor, solidariedade, ternura etc.) e até mesmo, a nossa morte espiritual. De acordo com um estudo feito na Universidade de Harvard, guardar raiva pode diminuir a expectativa de vida e aumentar o risco de câncer e doenças cardiovasculares. Os pesquisadores descobriram que as pessoas que guardam mágoas estão mais propensas a morrerem jovens do que aquelas que expressam os sentimentos. O estudo, que avaliou 796 pessoas, homens e mulheres, com idade média de 44 anos, descobriu, analisando as causas específicas da morte, que os riscos aumentam 47% para as doenças do coração e 70% para o câncer. É fato que a tensão perturba o equilíbrio hormonal do corpo de tal modo que o risco de doenças cardiovasculares e câncer também aumentam¹⁰.

O que mais entristece a Deus não é o pecado que o meu ofensor cometeu, mas sim, o que essa ofensa pode fazer comigo ou com meu próximo. Por isso a questão do perdão é tratada por Jesus com tanta seriedade. As infecções são tratadas na maioria das vezes com antibióticos. O “antibiótico” para a cura das feridas da alma é o perdão. Assim como os medicamentos alopáticos devem ser tomados na quantidade e nos horários pré-determinados pelo médico que os receitou, o perdão deve ser ministrado de acordo com os princípios da Palavra de Deus, os quais são:

- 1) O nosso perdão independe de qualquer ato da pessoa que nos ofendeu: *“Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, ...”* (Mateus 5.23).
- 2) O nosso perdão deve ocorrer antes de irmos à presença de Deus: *“... deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta”* (Mateus 5.24).
- 3) A iniciativa de haver o perdão deve partir do ofendido e não necessariamente do ofensor. O perdão que recebemos de Deus, através de Jesus, teve início no coração do próprio Deus e não do homem. Foi Deus quem primeiro amou o mundo, não o contrário: *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”* (João 3.16).
- 4) O perdão de Deus para nós depende do nosso perdão para com o ofensor: *“E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas. Mas, se vós não perdoardes, também vosso Pai, que está nos céus, vos não perdoará as vossas ofensas”* (Marcos 11.25-26; cf. Mateus 6.12 – *“perdoa-nos as nossas dívidas, assim como também temos perdoado aos nossos devedores”*).

¹⁰ WENDY CANDIDO. Guardar raiva pode diminuir expectativa de vida, diz estudo. Disponível em: <http://virgula.uol.com.br/lifestyle/comportamento/guardar-raiva-pode-diminuir-expectativa-de-vida-diz-estudo>. Acesso em: 15/09/2013

Os textos bíblicos acima expressam de maneira clara que, **perdão, não é uma questão de sentimento, mas sim, de mandamento**. “Perdoar” é verbo. Indica ação concreta independente de emoções. O perdão é uma ordenança divina. O que antes era algo passível de apenas Deus realizar, agora isso também compete a nós. Para aqueles que tentam se justificar e dizem: “*eu não sou Deus Pai ou Jesus para ter que perdoar alguém*”, o próprio Jesus disse: “*Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também*” (João 13.15). **Perdoar não é dar a uma pessoa o que ela merece, mas o que ela precisa**. Para nos ajudar no processo do perdão, está a pessoa do Espírito Santo, o nosso Consolador. A palavra “consolador” tem a mesma raiz da palavra “conselheiro”.

O Espírito Santo é Aquele que, além de nos consolar, nos aconselha a como agir nos momentos em que a nossa alma é agredida (cf. 1Coríntios 2.12-16). Ele é o bálsamo refrescante para o nosso coração no momento em que ele é atingido.

7. TRÊS MITOS¹¹ SOBRE O PERDÃO

7.1. Quem perdoa esquece. Quem perdoa não esquece. Erroneamente somos ensinados que “*se você não esqueceu, é porque não perdoou*”. Todos nós (adultos) temos armazenado, em nossa memória, lembranças marcantes do tempo da infância. São lembranças do tempo em que brincávamos alegremente de pique esconde na rua, conversávamos com nossos amiguinhos por horas sentados nos bancos das praças. Alguns ainda se lembram da emoção que sentiu ao dar o primeiro beijo apaixonado! São experiências que ficarão registradas para sempre na memória.

Agora, se nós lembramos de situações maravilhosas que ocorreram conosco no passado, como podemos esquecer as experiências que tivemos e que nos causaram dor? Que abriram feridas gigantescas em nós? Como esquecer os momentos em que nossos pais foram injustos conosco (pelo menos aos nossos olhos)? Como esquecer o ato de infidelidade conjugal que provocou a dissolução de uma família? Como esquecer a traição de um sócio que provocou a falência da empresa? Como esquecer a traição de um colega de trabalho que acabou por gerar a sua demissão? Como podemos remover esses infortúnios da nossa memória? Isso é impossível. Algumas igrejas muitas vezes erram ao forçar a pessoa ofendida a fazer de conta que nada aconteceu; e que ela, mesmo sangrando, tem que ir à frente abraçar e beijar aquele(a) que a apunhalou no coração. Tudo isso para mostrar “que perdoou de verdade”. Isso é hipocrisia.

De volta à analogia da ferida e da cicatriz, o perdão ocorre a partir do momento em que o local onde anteriormente era uma ferida, agora passa a ter uma cicatriz. O que antes gerava dor, agora gera apenas lembrança do que aconteceu... Lembrança essa que não produz mais nenhum tipo de sentimento em relação ao acontecido, pois a ferida está curada, está cicatrizada. Lembramo-nos do mal ocorrido, mas sem haver a produção de dor ou incômodo por causa dessa lembrança.

¹¹ **Mito.** Sinônimo de utopia, fantasia, devaneio (Dicionário Houaiss). É uma verdade que só é verdade porque ela foi publicada oralmente e verbalmente, tornando-se uma verdade no inconsciente coletivo das pessoas.

7.2. Quem perdoa volta a confiar. Você pode ter perdoado alguém que te traiu. Foi algo que demorou, mas você conseguiu perdoar. Foi um perdão feito de coração, pois você se lembra da traição e não dói mais. Ainda assim, você não consegue confiar mais na pessoa. A ferida não dói, mas a imagem da cicatriz te revela que o(a) agressor(a) ainda tem o poder de gerar nova ferida em você. Por isso você não se sente mais livre para abrir novamente o coração e voltar a confiar nessa pessoa. Você a perdoa e a libera para que ela possa ir em paz. Mas não quer mais compartilhar sua vida com ela.

Perdoar é uma coisa; reconstruir a relação é outra coisa, que até pode vir através do perdão, mas não necessariamente... Antes você tinha uma relação sem traição; agora você tem uma relação com traição. E a relação “com” é diferente da relação “sem”. A relação continua, mas uma relação mudada. É preciso ficar claro em nossa mente que **relacionamento e comunhão não são sinônimos**. A comunhão é sempre fruto da semente chamada relacionamento. Mas uma semente plantada pode vir a brotar ou não. Isso vai depender muito do solo onde ela está.



7.3. Quem perdoa reconstrói intimidade. Esse tópico tem a ver com o segundo. Pode ser que sim. Mas pode ser que não. Você pode ter sido traído(a) pelo seu melhor amigo(a) e, ainda assim, o perdoou. Mas ao olhar para essa pessoa, você percebe que aquela imagem de amigo(a), aquela imagem de confiança inabalável que a relação de vocês possuía, foi desconstruída. De modo que, o ser que está ali à sua frente, não reflete mais para você uma imagem que expresse fidelidade... O que sobrou foi somente o sentimento de

carinho por essa pessoa. Esse tipo de sentimento (que é algo humano) não é pecado e Deus sabe que nós somos humanos. Se você não pode mais confiar, se abrir e voltar a ser um com a pessoa que te traiu, é direito seu não querer fazê-lo. O que você não deve é, por causa do ódio, deixar de liberar perdão sobre a pessoa que te ofendeu e querer perpetuar o mal que ela causou sobre a sua vida.

8. CONCLUSÃO

O pecado não diminui o amor de Deus por nós (cf. Isaías 55.1-13). A ofensa que recebemos deve ser menor que o nosso amor pelo ofensor. Ele precisa do nosso perdão assim como nós precisamos do perdão de Deus.

Você deve perdoar por causa de si mesmo e não por causa do outro. **Você perdoa porque você merece se libertar da pessoa que te ofendeu.** Se resistirmos em perdoar, carregamos a pessoa ofensora presa dentro de nós. Se você diz: “fulano de tal morreu para mim”, você acaba se tornando em “caixão existencial” e passa a carregar um “cadáver” dentro de si e a se alimentar da morte nele produzida. E tudo o que é morto, apodrece.

Um filósofo francês, chamado Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980), era um ateu convicto. Mas a despeito de ser ateu convicto, certa vez ele disse algo deve servir de inspiração para todos nós. Ele disse: *“O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós.”*

Por que muitas vezes é tão difícil perdoar alguém? Porque “perdão” – com a licença do trocadilho – significa “perda grande”. Quem perdoa sempre perde e nós não fomos feitos para perder. Mas o perdão é necessário para que Satanás não tenha vantagem sobre nós: *“E a quem perdoardes alguma coisa, também eu; pois, o que eu também perdoei, se é que alguma coisa tenho perdoado, por causa de vós o fiz na presença de Cristo, para que Satanás não leve vantagem sobre nós; porque não ignoramos as suas maquinações.”* (2Coríntios 2.10-11).

Perdoar é “libertar” **para sempre** a pessoa ofensora da sua culpa em relação ao ofendido. Isso deve ocorrer de tal modo que nem se quer a ofensa dele seja mencionada com o intuito de constranger o ofensor por causa do ato um dia praticado. Esse tipo de perdão só será possível com o desenvolvimento de um amor semelhante ao de Deus por nós (incondicional). Essa é a marca do verdadeiro discípulo (cf. João 13.35).

A Palavra de Deus liberta. Mas se rejeitamos a Palavra, ficamos presos por uma cadeia construída por nós mesmos, através da nossa postura. Essa prisão interrompe o usufruto das bênçãos. Sem o perdão, as benesses de Deus que vieram até nós no caminho, são retiradas. Aquele que não perdoa, em consequência da sua decisão de não perdoar, sempre fica do lado de fora da festa organizada por Deus (cf. Lucas 15.25-28).

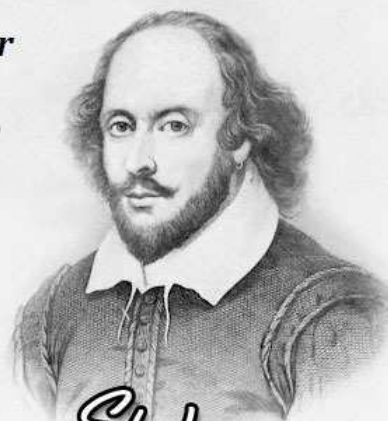
Você não foi criado para ser depósito de sentimentos negativos ou para ser vítima das sensações e emoções que anulam a graça de Deus sobre sua vida. Por isso você precisa perdoar. **No perdão eu não apago o mal que me fizeram, mas elimino os frutos desse mal dentro de mim.**

Assim como a cicatriz revela apenas que um dia houve uma ferida no local, sem reacender a dor causada por ela, o verdadeiro perdão ocorre no momento em que nos deparamos com o nosso ofensor, nos lembramos da ofensa que ele cometeu contra nós, mas essa lembrança não reacende a dor da ferida que foi causada em nossa alma.

Perdoar não é esquecer... isso é **amnésia**.

Perdoar é lembrar sem sentir dor, sem se ferir e sem sofrer... isso é cura. Por isso é uma decisão, não um sentimento...

“Guardar mágoa, rancor ou ódio por alguém é o mesmo que você tomar veneno e esperar que o seu inimigo morra.”



William Shakespeare

Bem-dito



“Quem chama Deus de Pai, não pode escolher irmão.”



Ziel Machado

Pastor e teólogo brasileiro. Free Methodist Church



“Se você tem dificuldade de chamar de irmão a quem Deus chama de filho, então, é possível que seja você que não possa chamar a Deus de Pai”

“ Vindo, porém, este TEU filho...”
(Lc 15:30. Irmão do filho pródigo)

Neil Barreto
Pastor, terapeuta e filósofo

BIBLIOGRAFIA

HAUBECK, Wilfrid & SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus - Apocalipse*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Targumim & Hagnos, 2009. 1472 p.

KOESSLER, John. *Manual de pregação*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 411 p.

RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. Trad. Gordon Chown & Júlio Paulo Teixeira Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995. 646 p.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1120 p.

📖 Estudo baseado na palestra homônima ministrada em 02/04/2016, na Primeira Igreja Batista em Vila Nova York - São Paulo/SP.